



*No meu tempo era Colégio Estadual Edson Simões*

## **Minha Trajetória no Ensino Básico em São José do Egito (PE)**

Eu cursei o ensino básico em três escolas na cidade de São José do Egito, vale do Pajeú pernambucano. No meu tempo, o ensino básico começava com o *Primário*, depois o *Ginásial*, e por fim, o *Científico*. O ciclo do ensino primário (fundamental I) comecei na escola *Eliete Veras*, sob a docência de dona Severina Maria Vieira Valadares Queiroz (dona Nininha). Foi através do ensino disciplinar e rigoroso por meio da docência de dona Nininha que comecei a compreender o significado do alfabeto, da junção das letras e a formação das palavras. Tudo para mim era uma aventura e uma novidade saber que o que era feito da oralidade poderia ser transformado na simbologia da escrita. Identificar as letras e as palavras era entrar em um novo mundo repleto de sentidos e significados novos.

Ao terminar o ciclo da alfabetização e continuando o *Primário*, fui matriculado no *Ginásio São José* de propriedade Jucá Bernardo. Nessa escola cursei o equivalente ao Fundamental I sob a docência de dona Ester. Nesse período foi quando comecei a engatilhar no mundo das ciências, descobrindo que

através dos estudos os homens (cientistas) inventaram ou criaram conhecimentos como a matemática, a física, a química, a biologia, a linguagem escrita, registraram a história humana e dividiram a terra através da geografia. Tudo parecia emergir de um mudo abstrato onde a ciência foi se concretizando ao longo dos milênios para a materialização do conhecimento. Dona Ester era uma professora afetuosa, educada e dedicada ao ensino, tendo paciência de cuidar de cada aluno (a) como se fosse seu próprio filho, transmitindo o conhecimento e apontando caminhos para que estivéssemos mais preparados para a vida. Ainda hoje, sinto saudade das suas aulas e daqueles momentos de brincadeiras no Ginásio São José.

Quando concluí o *Ensino Primário* fiz o exame de *Admissão* (escola Oliveira Lima) que era uma espécie de vestibular para avaliar se o estudante tinha condição de passar para o ciclo do *Ginásial* (Fundamental II). Ao entrar no referido ciclo, além de sair da *Ginásio São José*, tendo como professora única, dona Ester, eu mudei de escola e fui estudar no *Colégio Estadual Edson Simões*, onde cursei o *Ginásial* e o *Científico*. Foi uma mudança brusca pelo motivo de para cada disciplina ser uma professora ou professor.

Foi uma mudança radical começar o *Ginásial* no *Edson Simões*. Nesse ciclo tinha disciplinas que hoje não existem mais, como taquigrafia (escrita rápida) que é uma escrita composta de símbolos que representam uma frase inteira. Além dessa disciplina, tínhamos desenho com a proposta de desenvolver nos alunos (as) as estratégias do desenho, princípio fundamental para a arte da pintura. A professora dessas disciplinas e geografia era a enigmática, virtuosa, polivalente, a professora poetisa e pintora dona Célia Siqueira. Ela era uma personagem a parte no Colégio Edson Simões. Muito séria, rigorosa, mas também engraçada e divertida. Dona Célia tinha um nível de deficiência auditiva. Então, a gente aproveitava para falar em sala de aula. Como eu sempre tive a voz grave, e esta frequência de voz vibra mais forte, ao ouvir eu conversando, ela dizia, tem um “besouro” zumbido na sala, se referindo a minha pessoa. Outra disciplina que tinha na época era de língua francesa, pelo motivo de o Brasil ainda sofria a influência da França no sentido da importância do conhecimento. Essa disciplina era lecionada por dona Terezinha Mansinho. Tínhamos também Educação Moral e Cívica, ensinada por Lúcia Santiago, pois era a época da ditadura militar e a “educação” do regime tinha como proposta controlar o conhecimento por meio

da doutrinação nacionalista. No campo do ensino da língua portuguesa, era a saudosa Carminha Gomes Passos, que foi um marco, tanto no campo da gramática, como na literatura, desde a prosa e poesia. Com ela tivemos noções de metrificação e rima, fundamentação básica para a arte de escrever poesia dentro das formas da poesia dos poetas repentistas e da poesia das escolas literárias que antecederam o movimento da semana de Arte Moderna, em 1922.

Ao concluir o *Ginásial* entrei no *Científico*, tendo alguns professores do ciclo anterior. Porém, o Brasil estava entrando na era do ensino profissionalizante, e no segundo ano do Científico (este foi extinto na época) comecei a cursar o *Técnico em Contabilidade*, causando em mim uma decepção e falta de interesse pelo novo ciclo, pois eu queria continuar no *Científico* para fazer vestibular e entrar na Universidade. Todos os meus colegas de turma, no período vespertino, filhos (as) de quem tinha condição financeira foram estudar no Recife, em escolas privadas para se prepararem para o vestibular. Nesse tempo eu fui estudar no período da noite, numa turma que a maioria dos (as) colegas era um pouco mais velha do que eu. Nessa época muito dos colegas já bebiam bebidas alcóolicas, e eu ainda vivia o período de caçar, pescar, tomar banho de rio e de criar um rebanho de 10 ovelhas num sítio dos meus pais, na entrada de São José do Egito. Então, meu tempo era mais dedicado as atividades bucólicas, da agricultura e do pastoreio.

O período da minha vida no *Edson Simões* existia os problemas de estrutura, como falta de cadeiras, de biblioteca, de uma quadra boa e de professores (as) melhores qualificados, pois na época não existia cursos de formação continuada e de especialização. Contudo, foram momentos importantes para minha formação, pois o ensino era transmitido com devoção, com amor e dedicação. Claro que se eu tivesse tido a mesma formação do *Científico* (hoje ensino médio) que tiveram os amigos que foram estudar em Recife, eu teria entrado na Universidade mais bem fundamentado. Por falta do que foi citado, eu tive que fazer um cursinho pré-vestibular em João Pessoa de setembro para dezembro, quando busquei aprender os conteúdos do *Científico* para ser aprovado no curso de *Licenciatura em Educação Física*, na Universidade Federal da Paraíba.

Desde a minha adolescência eu tinha o hábito da leitura, desde os quadrinhos de Tex Willer (conquista o oeste americano), livros de bolso, até os de

espionagem, segunda guerra mundial, política e a literatura envolvendo prosa e poesia. No entanto, a dificuldade para adquirir livros era muito grande, pois não tinha livraria em São José do Egito e os livros da biblioteca eram poucos. Então, eu pegava emprestado livros dos amigos que estudavam em Recife e iam passar férias em São José do Egito. Diante disso, ao rolar esse filme da minha memória, assisto as cenas escritas neste ensaio, e lembro dos amigos de rua, da infância, os quais foram para São Paulo e nunca mais voltaram, outros que morreram por doença, alguns devido ao vício no álcool etílico, outros por motivo da criminalização e alguns que ficaram em São José do Egito vivendo de subempregos. Grande parte dos amigos que foi morar no Recife cursou alguma graduação e até hoje cada qual é um profissional da sua área de formação atuando em São José do Egito e em outros lugares

Com muitas dificuldades financeira e déficit de acúmulo epistemológico devido a um segundo grau fragmentado (ensino médio), ao longo dos anos, seja na graduação e no exercício da profissão de professor de Educação Física eu tecia uma costura da vida fundamentada na leitura e na busca de uma escrita cada vez melhor. Nesse percurso fiz *Especialização em Educação Física Escolar*, *Mestrado* e *Doutorado* na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e hoje, sou professor efetivo na Universidade Federal da Paraíba. No percurso acadêmico apresentei pesquisa na França, publiquei dois trabalhos em livro e revista científica na Universidade Paris Descartes; vários artigos e capítulos de livros no campo científico, no Brasil, e proferi palestra na USP e em outras Universidades do Brasil, além da publicação de 07 livros de poesias. Para um sertanejo de família pobre, de um percurso que já foi citado, eu fiz “voos” que nunca imaginei fazer. Até hoje, como filho de São José do Egito, sou o único *Doutor em Educação* e professor de uma Universidade Federal (gostaria que tivesse mais gente). Isto tudo não me envaidece nem cria o sentimento de orgulho, mas sim, me deixa feliz e como referência que qualquer um pode, basta querer e se dedicar.

Um pouco de tristeza é que meu pai Francisco Ferreira (de apelido Vigário), minha mãe Rita Leite e meu irmão Betinho (faleceu com 31 anos num acidente de automóvel quando exercia o cargo de promotor de justiça no RN) não estejam presentes no meu convívio hoje em dia. Meu pai tinha o sonho de ter um filho Doutor na família; minha mãe era o apoio e carinho na educação afetuosa, e meu irmão Betinho (José Humberto) foi quem me trouxe para morar com ele em

João Pessoa e financiar minha estadia universitária na capital paraibana. Ele faleceu 01 mês antes da minha formatura. Esses entes queridos, de uma saudade infinda que sinto, foram as bases da minha vida e do meu compromisso ético que pauta a minha existência como professor, cientista, poeta e educador.

Reconheço neste ensaio a importância de todos os professores e professoras que tive em São José do Egito. Agradeço aos docentes e as escolas onde aprendi a dar os primeiros passos na apreensão dos conteúdos científicos e na compreensão de vida e de mundo. Se não fossem os docentes, desde o *Primário*, passando pelo *Ginásial*, até o *Científico*, eu não teria chegado onde eu cheguei. Então, um abraço aos docentes da Escola Eliete Veras, aos do Ginásio São José e aos do Colégio Estadual Edson Simões.

Gilmar Leite Ferreira

João Pessoa, 29/05/2023